

O ANEL DO NIBELUNGO, de Wagner

4ª Parte



O Crepúsculo dos Deuses

É noite. Encontramo-nos à vista do barranco que conduz ao abismo da Mãe-Terra. Nele, as três Nornas ou Parcas sombrias, filhas da primordial Ur-Vala, tecem e cortam, cada uma por seu turno, os fios de ouro de todas as existências. O tema augusto da natureza eterna enche de mistério aquele ambiente, raiz universal de tudo quanto vive. Como ali não há passado nem futuro, deslizam, uma após a outra, todas as peripécias que deram lugar ao *Anel do Nibelungo*, ou seja: a luz astral, os *anais akásicos*, onde está escrito o drama da vida, desde que a Árvore do Mundo fincara suas raízes no *Illus* da Matéria Prima, erguendo sua copa até o infinito do Espírito Su-

premo e abrigando sob seus ramos e raízes todas as criaturas, até o momento do crime de Alberico. Ao chegar aqui, porém, desgastado de horror pela recordação daquele filho do Odio e da Inveja, que maldisse o próprio Amor, o fio se rompe. A ciência das sibilas se dissipa com a luz do nascente dia, e as Nornas, consternadas, retornam ao seio de sua mãe. Enquanto isso, Brunhilda e Sigfrido saem da gruta de seus amores e, estando ele disposto a empreender novas façanhas protegido por seu elmo que o torna invisível, como prova de fidelidade deixa a Brunhilda o mágico Anel, para protegê-la, em sua solidão de fada, naquele ígneo e encantado recinto.

A cena anterior se desvanece; estamos todos na terra dos vulgares mortais, na morada dos poderosos Gibichingos, entre duas colinas junto ao Reno. Seus reis são Gunther e sua irmã Gutruna. Ao lado, está Hagen, irmão bastardo de ambos, como filho que é da mesma mãe e do perverso Alberico, que engendrou Hagen sem amor, com o fim exclusivo de obter, através de tal filho, um novo instrumento de vingança contra os deuses e heróis, apoiados por todos aqueles infelizes e ignorantes que integravam o povo de Gibich, entre os dólmens e menires, consagrados à servil adulação religiosa a Wotan, Donners e Frika.

Em Gunther e Hagen, espécie de Esaú e Jacó dos *Eddas*, está representada toda a raça humana vulgar, alguns ignorantes e suceptíveis, outros perversos e bastardos instrumentos dos elementais do mal.



A idéia de redenção que emana da cena final de O Crepúsculo dos Deuses evolui em direção a uma expressão mais mística e mais religiosa na ópera Parsifal (na foto, cenário do primeiro ato).

Numa conversa íntima com seus irmãos, e orgulhoso de seu poderio terrestre, Hagen diz que apesar de grande e invejável sua glória não está completa, pois sabe de imensos tesouros ainda não conquistados; há também o fato de ele ainda não ter uma companheira, e tampouco Gutruna desposou alguém. Fala ainda de uma mulher perfeita, chamada Brunhilda, cuja morada é uma montanha rodeada de chamas, e que ninguém poderia conquistá-la a não ser o predestinado Sigfrido, um welsungo, o matador do dragão Neidhole que cuidava do tesouro dos nibelungos, tesouro bastante para torná-lo um senhor do mundo.

Nisso ressoa alegre a tocata da trompa de Sigfrido. O herói vem com sua barca Reno acima, navegando contra a corrente como só ele pode fazer. Então, Hagen termina recomendando a Gunther que se esforce por fazer o herói apaixonar-se por Gutruna. Para tanto, bastará fazê-lo tomar de um só gole aquela beberagem mágica do esquecimento.

Sigfrido chega à margem do rio, com seu cavalo Grane, cedido por Brunhilda, o único que esta conservara do perdido esplendor de valquíria. A trompa do herói desperta as chorosas filhas do Reno. Gunther e Hagen recebem-no pomposamente, conduzindo-o depois até o imponente palácio. Gutruna, púdica e ao mesmo tempo prendada, se oculta. Ao chegarem, Sigfrido propõe a Gunther o dilema de lutarem ou tornarem-se amigos, diante do que este se oferece como incondicional aliado. Através do pacto de eterna fraternidade, unem-se estes irmãos de armas, bebendo uma taça de vinho na qual foram previamente mesclados os sangues de suas veias. Gutruna, então, apresenta-se ruborizada e terna, trazendo ao herói outra taça na qual Hagen havia vertido algumas gotas do licor do Leteo, o rio das águas do esquecimento.

O efeito é instantâneo; Sigfrido, que brindara por Brunhilda, sua amante, esquece-a no exato momento que retira a taça dos lábios, ficando cegamente apaixonado por Gutruna. O jovem declara impetuosamente seu amor; e como, ao perguntar se seu novo irmão tinha companheira,



Cenário do segundo ato de O Crepúsculo dos Deuses; Bayreuth, 1936.

este lhe respondera que não, pois a única mulher que poderia fazê-lo feliz habitava uma montanha inacessível, rodeada pelas chamas, Sigfrido propõe então conquistá-la em troca da mão de Gutruna, sem saber que quem iria conquistar era nada mais nada menos que o seu nume, a antes adorada Brunhilda.

Os dois guerreiros terminam de selar sua fraternidade com o pacto do sangue: fincam as espadas em seus respectivos braços, deixando correr o sangue na taça de vinho que bebem em conjunto. Hagen, que se encontra entre ambos, sem querer participar do juramento por sua condição inferior de bastardo, rompe a taça com sua espada, enquanto Sigfrido e Gunther estreitam fraternalmente as mãos e partem rumo às margens do rio, de onde Sigfrido segue em demanda da projetada conquista. Hagen, ao longe, saboreia infame o fruto cruel de sua vileza, digna da raça nibelunga.

Brunhilda, desconhecendo totalmente tudo o que acontece, encontra-se sentada à entrada da gruta, contemplando absorta e beijando mil vezes a prenda do seu amor: o anel de Sigfrido. Nesse momento, ressoam pelos ares os relinchos bélicos da valquíria Waltraute, que chega apreensiva. Correndo o risco de provocar a cólera do pai, vem para prevenir sua infeliz irmã do iminente perigo que a ameaça: se não devolver prontamente às desoladas filhas do Reno o maldito anel, este virá a ser a causa de todos os males e ruínas que ameaçam os deuses e o mundo. Enamorada e feliz, alheia por completo à desgraça que se avizinha, esquecendo-se de tudo quanto sabia em sua condição anterior de virgem-guerreira, Brunhilda nega-se absoluta-

mente a renunciar ao anel. A valquíria Waltraute retorna consternada, voando para o Walhalla, enquanto o cego Sigfrido cruza impávido as gigantescas chamas protetoras, ocultando sua cabeça sob o elmo mágico, por força do qual assumira a própria forma e semblante de Gunther. Horrorizada ante essa agressão ao seu pudor por parte de um desconhecido temerário, Brunhilda resiste através dos mágicos poderes do anel. Porém, o fingido Gunther o arranca e penetra com ela na gruta, invocando sua espada Nothunga como símbolo representativo do respeito com que vai tratar no leito e em toda parte o pudor da formosura roubada de Brunhilda (uma espada colocada no leito entre um homem e uma mulher poderia, com efeito, assegurar a esta o mais perfeito respeito do cavaleiro, acima de toda paixão, conforme as augustas leis da cavalaria, o que, em nossa época de grosseiro materialismo, não conseguimos entender).

A traição de Hagen, o filho bastardo de Alberico e digno êmulo de seu pai, começa, como se vê, a dar seus frutos e, assim, na simbologia desta obra wagneriana, a Taça de Hagen vence a Espada.

Perseguindo certo dia um urso que se lhe escapou durante a caça, Sigfrido depara-se, por entre um bosque e um abrupto promontório de rochas junto ao Reno, com as três formosas ondinas, filhas do Pai-Reno. Estas, como sempre, mexiam-se sugestivas e tentadoras à superfície das águas, sob a pálida luz da Lua, lamentando-se da triste noite que continua reinando nos profundos domínios aquáticos, de vez que o ouro sagrado havia deixado de ser o Sol daqueles abismos. Cheias de ansiosa esperança, invocam sem cessar à casta Diana para que lhes envie o herói tanto tempo esperado, o qual lhes restituiria o ouro. Travam então sugestiva conversa com Sigfrido, que perdera a pista do urso perseguido. Inicialmente com doçura, depois em tom ameaçador, pede-lhe o trio a devolução do anel, para que seja afastada a maldição de Alberico.

O herói, desconfiado a princípio, resiste em devolver-lhes o anel, pois nele vê o símbolo de Amor, conquistado pelo Destino como herança do mundo. Em que pese não discernir claramente seu inapreciável valor, já que bebera da taça do esquecimento, não se decide a renunciar nem a maldizer o Amor, paralizado com as travas de seus imortais inimigos: o temor e o medo. As ondinas, já desesperadas,

anunciam-lhe faticamente que muito em breve uma mulher gloriosa, verdadeira redentora do mundo e que sabe compreender melhor do que ele os decretos do Destino, irá restituir-lhes o maldito anel, sendo tudo isso inevitável, pois ele conhecera as ruínas da lança Wotan, que rompera com sua espada.

As ondinas desaparecem no rio, e logo em seguida Gunther, Hagen e seus companheiros de caça encontram finalmente Sigfrido. O guerreiro narra-lhes sua infrutífera corrida e seu encontro com as ondinas. O bastardo Hagen, que já havia premeditado por completo um sombrio plano de morte para o herói, pergunta-lhe se é certo, como se afirma, que ele entende o canto das aves. O jovem responde que esqueceu-se do canto dos pássaros desde que escutou o das mulheres. Gunther, entretanto, simples e bom, e além disso totalmente alheio à traição do bastardo, é tomado de uma tristeza avassaladora, sem saber por quê. Sigfrido, para elevar o estado de ânimo de seu irmão de armas, renova com ele o pacto de sangue, derramando na taça de vinho seu sangue generoso, que transborda e se verte na mãe-terra. Querendo distraí-lo ainda mais, começa a contar-lhe sua história de heroísmos, desde que o gnomo Mimo o criou, até que matou o monstro Fafner e também o gnomo traidor. Porém no momento em que iria comentar a descoberta de Brunhilda na rocha encantada, circundada por chamas, parte-se o fio da narração porque lhe faltam as recordações anteriormente apagadas pelo encantamento de Hagen. Este, porém, intervém, nesse momento, e oferece-lhe uma segunda taça em que colocara o suco de outras ervas, propícias a despertar até as mais longínquas lembranças. Sigfrido deixa assim sua condição de esquecido e readquire a clarividência perdida, e reenceta o curso de sua narrativa, a respeito da virgem Brunhilda, seu descobrimento, a cena do recíproco amor entre ambos e a história do anel. Bem longe estava de imaginar que com tantas revelações acarretava para si mesmo a morte inevitável.

Ante semelhante imprudência o castigo não se faz esperar muito. A revelação que acabava de fazer sobre a já prometida de Gunther, seu irmão de armas, era contrária ao pacto de sangue que acabavam de ratificar, e com isto se fazia credor de morte por perjúrio. Em dado momento, saem do matagal voando e grasnando dois



Sigfrido, Gutruna e Gunther, personagens de "O Crepúsculo dos Deuses".

fatídicos corvos, as aves de mau agouro, que revolteiam sobre a cabeça de Sigfrido; quando o herói se volta para contemplá-los, Hagen, o traidor, ataca-o pelas costas vingativamente, sem que Gunther pudesse impedi-lo.

Sigfrido, o herói sem par, o redentor do mundo, morre assim entre os tristíssimos acordes da mal chamada *Marcha Fúnebre*, que em verdade representa a solene marcha do triunfo sobre a morte, com as nostálgicas entradas do *Canto da Primavera*. Ela e os subseqüentes *Lamentos de Brunhilda* são os temas que se apresentam, enquanto os seguidores de Gunther conduzem o cadáver sobre o escudo em direção à montanha.

Gutruna, desolada, recebe do próprio Hagen a notícia da morte de seu amado sob as garras de um feroz javali. Gunther, por sua intuição, percebe a perfídia de Hagen e a inocência de Sigfrido. Maldiz o crime daquele bastardo que se vangloria publicamente de ser o assassino vingador e de ter, portanto, o direito de possuir o anel. No instante, porém, em que vai arrancar-lhe dos dedos, aparece Brunhilda, radiante como uma nova deusa. Todos, então, maldizem o bastardo, e Brunhilda manda erguer uma pira funerária semelhante a um trono, retira o rutilante anel e, ateando fogo na pira, pronuncia, com acentos de Sibila iluminada pelo entusiasmo da sua já consciente divindade, a magna profecia: a divinização do Homem redimido, a queda dos deuses, a devolução do anel fatal às ondinas primordiais e a chegada da aurora de um novo dia apocalíptico, no qual a eterna tirania dos deuses sobre os homens já não existirá sobre a

Terra libertada e apta a inaugurar a nova Idade de Ouro...

Em seguida, monta de um salto o seu fiel cavalo Grane, e ambos se lançam sobre a ardente pira que os consome e dissolve o anel maldito, restituindo os seus puríssimos elementos... O fogo cresce, cresce, assume proporções gigantescas, e atinge finalmente as alturas do Walhalla, cujo palácio de orgulho começa a arder até desfazer-se em cinzas. As águas sagradas do Reno, o Pai-Reno eterno, dilatando-se pelos âmbitos do Universo, ascendem gigantescas até apagar no seio de suas ondas os restos de todo aquele incêndio cósmico... As filhas do rio avançam transfiguradas e solenes recolhendo de novo o ouro purificado; duas delas afogam entre seus braços o infame Hagen, que, enlouquecido por ver escapar sua presa, lança-se às águas, para recolher o anel. Flosshilda, a irmã maior das ondinas, radiante de júbilo, qual divina Custódia, levanta no alto o ouro reluzente, abafando com os últimos acordes da orquestra o tema glorioso de Sigfrido, o da *Maldição de Alberico*. Surge então o canto da *Majestade do Walhalla*, o rutilar do *Fogo Encantado*, o dulcíssimo *Canto de Woglinda* e o amargo *Crepúsculo dos Deuses*, e finalmente o canto inefável da *Redenção pelo Amor*, sem a qual retornaria muito em breve ao Caos todo o edifício do mundo...

EMILIO MOUFARRIGE

Baseado no livro "Wagner, Mitólogo y Oculista", de Mario Roso de Luna; Editorial Glem, Buenos Aires, 1958.